

2005\_08\_18

## **Bom dia Brasil Mais um apagão?**

Os empresários do setor elétrico fizeram um alerta: o de apagão em 2009, se não houver investimentos no setor. Um estudo da Câmara Americana de Comércio ainda critica a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Na indústria, no comércio e dentro de casa, o consumo de energia está a todo vapor. No primeiro semestre, o Brasil consumiu 5,4% mais eletricidade do que nos primeiros seis meses do ano passado.

E tem energia de sobra! As hidrelétricas, responsáveis por 90% da geração, estão com os reservatórios cheios. Não há previsão de falta d'água até o fim do ano que vem.

A situação, aparentemente confortável, esconde um risco de longo prazo: se novas usinas não forem construídas, o país pode sofrer um apagão em 2009.

De acordo com a Associação dos Investidores em Energia Elétrica, o investimento em geração este ano deve cair 80%. Entre os motivos, estão aumento de impostos como PIS e Cofins, e o adiamento do leilão de energia das novas usinas para dezembro.

"Durante os últimos 30 meses, não se começou nenhum projeto de grande porte de construção de usinas, porque não se sabe se esse projeto terá mercado ou não, depende desse leilão para que isso se confirme", afirma Cláudio Sales, presidente da Associação dos Investidores em Energia Elétrica.

A preocupação com o abastecimento também tem a ver com dúvidas sobre o preço da energia no futuro, diz Tereza Fernandez, consultora da MB Associados. Ela atribui parte do desinteresse de investidores estrangeiros à queda brusca do dólar.

"As empresas que investem aqui normalmente são multinacionais. Para elas, o real não é o relevante. Os balanços são em dólares, o pagamento aos acionistas é em dólar, tudo é em dólar. Quanto mais valorizado está a minha moeda, menos incentivo eles têm a vir para cá. Como eles sabem que, em algum momento, essa moeda vai perder valor, o investimento deles vai perder valor junto", explica Tereza Fernandez.

O trabalho da Aneel, a agência reguladora do setor elétrico, também é considerado fundamental para a definição dos investimentos. Um estudo da Câmara Americana de Comércio, divulgado ontem, revela que o desempenho da agência ainda está longe do ideal.

Segundo as empresas ouvidas pela pesquisa, a agência melhorou a fiscalização para garantir o direito dos consumidores e tem técnicos mais bem preparados. Por outro lado, perdeu agilidade nas decisões, não estabelece regras claras para os reajustes e tem ficado cada vez mais dependente do governo.

"Os investimentos no setor elétrico são investimentos pra 20, 30 anos de maturação. Se tem uma agência comprometida com o governo, o investidor tem medo de o governo mudar as regras depois, e a agência apoiar essas regras novas do governo. e não defender aquelas que estavam já pré-estabelecidas e que foram motivo do investimento", afirma Ricardo Straus, coordenador da pesquisa.

O diretor-geral da Aneel, Jerson Kelman, diz que a pesquisa ajuda a agência a se aperfeiçoar, e que espera autorização do Ministério do Planejamento para ampliar o quadro de funcionários, que ele reconhece: hoje é insuficiente. Mas discorda da crítica sobre os reajustes.

"Nem sempre as decisões tomadas pela Aneel agradam às empresas que tem suas tarifas fixadas pela revisão e pelo reajuste. Aliás, se a Aneel viesse a agradar unanimemente as empresas distribuidoras, algo estaria errado, porque nós temos que equilibrar os interesses das empresas, dos consumidores e do governo", defende o diretor-geral da Aneel.

A agência atribui a demora na construção de novas usinas ao atraso das licenças ambientais, mas garante que o setor elétrico está evoluindo.

"Essa semana, a diretoria da Aneel aprovou um edital para a licitação de linhas de transmissão, que vão somar cerca de 3 mil quilômetros e cujo investimento global é da ordem de R\$ 3 bilhões. O setor está se tornando mais robusto e mais confiável", acrescenta Jerson Kelman, diretor-geral da Aneel.

O Ministério das Minas e Energia informou que este ano estão previstos investimentos de R\$ 9 bilhões em geração e transmissão de energia; para o ano que vem, serão R\$ 12 bilhões. Mesmo assim, os analistas dos setor acham que o investimento é pequeno. Somadas, as demandas em transmissão e distribuição exigem, no mínimo, R\$ 20 bilhões por ano até 2015 para garantir o crescimento do Brasil.

## **Miriam Leitão**

### **Sem investimentos em energia**

A falta de agilidade gerencial do governo Lula parou todos os investimentos que dependiam de regras vindas do governo ou precisavam do dinheiro público. Nos transportes, não houve licitação de um quilômetro de estrada. Os investimentos no setor, poucos foram apenas os feitos diretamente pelo setor público, porque em 30 meses ele não conseguiu terminar as regras das Parcerias Público-Privadas, as famosas PPPs.

Na área elétrica, é a mesma coisa: demorou demais a criar o novo modelo, ele não agradou e ainda não foi testado porque não foi feito um leilão de energia nova. O governo Lula interferiu nas agências e isso aumentou a incerteza.

A culpa da falta de investimentos é das regras e da lentidão, e não do meio ambiente. Nesse momento, inclusive, está sendo alagada uma área preciosa ecologicamente entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para fazer a Hidrelétrica de Barra Grande.

A licença ambiental, dada no governo Fernando Henrique, dizia que a vegetação era sem valor. Na verdade tem 4 mil hectares de mata com araucária. Isto produziu um impasse entre meio ambiente e energia, que foi resolvido a favor da energia. O reservatório está enchendo, e a floresta está sendo alagada.

A falta de agilidade gerencial do governo Lula - e não o meio ambiente - é o responsável pela suspensão dos investimentos em energia.